



FUGA E BUSCA DE SI MESMO EM THE CATCHER IN THE RYE E O NARIZ DO MORTO

Maria das Graças Salgado¹

RESUMO: Advindos de culturas diferentes, porém compartilhando um mesmo período histórico, o escritor norte-americano J. D. Salinger (1919-2010) e o brasileiro Antonio Carlos Villaça (1928-2005) foram críticos radicais do *establishment* ao qual pertenceram. Transgressores, percebiam as instituições sociais como o lugar da inadequação e vislumbraram na fuga e reclusão a possibilidade de busca de si mesmo e de autoexpressão. O objetivo desse trabalho é analisar o discurso que esses autores gerariam a partir de sua experiência com instituições de cerceamento como a família, a escola, o monastério e o hospício. Os dados sugerem que a persistente busca da verdade e de si mesmos representam uma espécie de tentativa de alcance do sagrado, revelando em ambos a característica híbrida de santo e insano.

PALAVRAS-CHAVE: fuga, busca de si mesmo, Antonio Carlos Villaça, J. D. Salinger.

ABSTRACT: Originated from different cultural background and yet sharing the same historical period, American writer J. D. Salinger (1919-2010) and Brazilian Antonio Carlos Villaça (1928-2005) were both radical critics of the *establishment* to which they belonged. Transgressors, they viewed social institutions as places they could not fit in, foreseeing flight as a possibility of inner search and self-expression. This paper aims at discussing the discourse that these authors would generate from the starting point of their experience with confining social institutions such as school, family, mental health hospital, and monastery. Results indicate that a persistent inner search and pursue of truth represent an attempt to reach the sacred, revealing in both writers the hybrid characteristic of saint and insane.

KEYWORDS: flight, inner search, Antonio Carlos Villaça, J. D. Salinger.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar o discurso que dois autores contemporâneos, um norte-americano, J. D. Salinger (1919-2010), e outro brasileiro, Antonio Carlos Villaça (1928-2005) gerariam a partir das instituições de cerceamento como a família, a escola, o monastério e o hospício. Trabalhamos especificamente com as obras *The catcher in the rye*² (1951) e *O nariz do morto* (1970). Vale dizer que, aqui, a discussão sobre ficcionalidade ou não ficcionalidade dos personagens não está em questão, sendo o foco do trabalho voltado para a análise das narrativas autobiográficas enquanto discurso histórico culturalmente situado, independentemente do seu caráter factual.

Embora advindos de culturas e formações diferentes, os autores em pauta se aproximam, na medida em que surgem no cenário social e literário como críticos radicais do *establishment* repressor e como verdadeiros “fugitivos” em busca da verdade e de si mesmos.

¹ Professora adjunta de Inglês da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Doutora em Letras pela PUC-Rio. Agradeço aos pareceristas anônimos a leitura criteriosa e valiosas sugestões na preparação final deste artigo. E-mail: salgado@ufrrj.br

² As citações de *The catcher in the rye* traduzidas para o português são de nossa responsabilidade.

A leitura dos textos em questão nos leva à hipótese de que ambos os autores – apesar de tudo que os separa – dividem o desejo de alcançar uma espécie de estado místico inatingível. Esse movimento em busca do aparentemente inatingível revela em ambos uma característica híbrida, onde se percebe tanto a representação do santo, como do insano. Nesse sentido, a prática discursiva autobiográfica pode revelar aspectos importantes da construção das identidades autorais e do contexto histórico e sociocultural no qual essas identidades estão inseridas.

Para melhor desenvolvimento da análise, começamos por salientar a importância do conceito de autobiografia em duas perspectivas: (i) como espaço discursivo e gênero autônomo tipicamente marcado pelo caráter anticonvencional do hibridismo (MARCUS, 2006); e (ii) como testemunho social (FELMAN; LAUB, 1992). Lembramos também a relevância do debate em torno do cânone autobiográfico, destacadamente a noção de cânone como prática discursiva que permite tanto a preservação como o apagamento da memória cultural (POLLACK, 1992; EAGLETON, 1996). Essa discussão é importante para ajudar a compreender a razão pela qual Salinger e Villaça, ocupando o canônico e o não-canônico respectivamente, podem ser percebidos como transgressores que buscam a reclusão e a mística como possibilidade de autoexpressão.

Autobiografia e Cânone

Os estudos sobre autobiografia na modernidade ocidental foram marcados pela publicação do seminal texto de Phillippe Lejeune obre o pacto autobiográfico como uma narrativa contada por uma pessoa real, comprometida com a verdade dos fatos a partir da assinatura do nome próprio no título da capa.

As reações positivas e negativas a essa proposição teórica foram diversas e vieram de todas as áreas do conhecimento, gerando um debate fecundo que, por limitações de espaço, não será desenvolvido neste trabalho. De todo modo, é importante destacar o impacto desse debate para a legitimação e consolidação da autobiografia como disciplina autônoma. Com isso, outras ciências como a história, a antropologia, a educação, a linguística e a teoria literária se aproximam dos estudos autobiográficos, estabelecendo um diálogo que vem reafirmando cada vez mais o interesse pela chamada *escrita de si*.

De acordo com Marcus (2006, p.2), esse quadro favorável à escrita da própria vida teve a contribuição definitiva da crítica feminista, da historiografia negra e dos movimentos sociais das classes trabalhadoras. Sob os efeitos desses movimentos, a produção autobiográfica passa a ser nos anos 1980 uma maneira de expor os processos de exclusão na construção do cânone literário, mostrando que a tradição autobiográfica pertencia apenas aos chamados “grandes homens”, excluindo as mulheres e determinadas formas de escrita da vida geralmente adotadas por mulheres, como cartas e diários.

Deve-se observar que, apesar de os estudos autobiográficos terem adquirido autonomia e respeitabilidade acadêmica, a definição do conceito de autobiografia enquanto gênero permanece difícil. Muitos estudiosos do século XIX viam a autobiografia como uma espécie de subgênero da biografia. Já o século XX foi marcado pela nova biografia, que agregava biografia e autobiografia. Também a partir de alguns movimentos sociais, como o movimento feminista, o movimento negro e outros, percebe-se que recontar a própria vida ou a história necessariamente implica na escrita do “outro”.

Podemos dizer que as narrativas autobiográficas de Salinger e Villaça, exatamente pela sua dimensão discursiva, representam um testemunho sobre seu tempo e contexto histórico e sociocultural. Um testemunho – real ou imaginário - onde seus protagonistas falam não apenas de si, mas revelam toda uma geração de jovens que viveram o conturbado período que cobre os anos 30 a 1950.

Se por um lado os estudos contemporâneos sobre autobiografia foram marcados pela noção de pacto autobiográfico, a discussão sobre o conceito de cânone foi impactada pela ideia de mera lista autorizada,

portanto, autoritária, de livros aprovados por determinados setores sociais e não outros. Uma visão alternativa, baseada em alguma forma de consenso, reconheceria que o cânone não é necessariamente estático e imune às mudanças históricas e à crítica literária. Essa nova visão tem desafiado a noção autoritária de cânone imobilizado, destacando sua natureza dinâmica e contextual. O cânone, nessa perspectiva, pode estar associado à ideia de preservação da memória cultural e identidade coletiva (POLLACK, 1992).

Vários autores têm debatido a legitimidade do cânone no seu enquadre mais conservador. Um dos questionamentos mais relevantes pode ser encontrado no trabalho seminal de Eagleton (1996, p.11) acerca do próprio conceito de literatura. O autor discute a noção de cânone como um valor intrínseco da tradição, sugerindo em contrapartida a noção de cânone como um construto sociocultural. Nessa perspectiva, não há tradição ou cânone literário que seja superior em si mesmo. Trata-se apenas de um discurso historicamente construído em torno da literatura considerada mais valiosa e representativa em uma determinada época e cultura.

No que concerne ao cânone autobiográfico, algumas narrativas de vida explorando o aspecto confessional e a auto descoberta têm merecido aprovação quase unânime. É o caso, por exemplo, de *As confissões*, de Santo Agostinho e de *Confissões*, de Rousseau. De acordo com Smith e Watson (2010, p.199), quando os estudos autobiográficos começaram a se estabelecer como área do saber acadêmico, no início dos anos 1960, algumas autobiografias se tornaram canônicas. Eram textos considerados de alta qualidade literária e cultural, que os diferenciava das narrativas escritas por celebridades artísticas e políticas, normalmente lidas por um público mais amplo e sem grandes interesses acadêmicos.

De todo modo, problematizar a noção de cânone não significa rejeitar o conjunto de obras assimiladas como tradição canônica, mas tentar compreender a complexidade do discurso que define ou mesmo separa o canônico do não-canônico, como é o caso dos escritores J. D. Salinger e Antonio Carlos Villaça. Inseridos no cânone e não-cânone respectivamente, esses autores sinalizam a fuga da escola, no caso do primeiro, e a fuga da família e do hospício para a reclusão mística, no caso do segundo, como possibilidade de contraposição às instituições sociais que consideravam cerceadoras da liberdade individual.

A discussão sobre cânone, neste trabalho, contribui para compreender algumas questões que têm relação direta com o tema desenvolvido. Por exemplo, o fato de Salinger - apesar de recluso e avesso ao *establishment* literário e social - ter se tornado um clássico da literatura contemporânea mundial a partir de um único livro, aparentemente escrito para jovens, em um estilo coloquial, recheado de repetições e palavrões. Por outro lado, interessa também investigar os aspectos que envolvem a permanência de Antonio Carlos Villaça às margens do chamado cânone autobiográfico. Embora as diferenças de estilo entre os autores sejam indiscutíveis parecem dignas de nota algumas semelhanças tanto de percurso de vida como de reação à experiência do confinamento institucional descrita pelas vozes dominantes de Holden Caulfield, em *The catcher in the rye*, e de Lelento e Sigismundo, em *O nariz do morto*.

Entre Santidade e Insanidade

O memorialista Antonio Carlos Villaça nos fala de uma crise de identidade muito profunda e da idealização da vida monástica como saída. Desde cedo, o sagrado se impõe como elemento estruturante da vida e obra desse escritor carioca. Ainda na infância, cercado de mimos, a brincadeira favorita de Villaça era rezar missa. Com direito a batina e tudo o mais, o menino assumia o papel de um sacerdote com grande seriedade e graça, para deleite da plateia doméstica encabeçada pela avó paterna, Dona Antonia, uma senhora muito devota e de muitos recursos. Villaça recorda com carinho essa fase da primeira infância, por volta dos sete anos incompletos

[...] Foi a fase gostosa de brincar de ser padre. Vovó me queria padre, me sonhava padre. E fez uma batininha para mim. E batia palmas, e ficava jubilosíssima com as brincadeiras eclesiais do neto. [...] Punha-me eu, pois, no altar do quarto de minha avó, um amplo oratório de verdade, e brincava de dizer missa, convocava o pessoal de casa, a criadagem, pois minha avó vivia com largueza. (VILLAÇA, 2006, p.36).

Villaça narra diretamente sua experiência de vida. O escritor norte-americano J. D. Salinger, por sua vez, necessita do protagonista Holden Caulfield para, como ventríloquo invisível, também nos falar de temas inseridos na dimensão do sagrado, como o sentido da vida, morte e religião.

Quando *The catcher in the rye* (1951) começou a receber atenção não apenas da multidão de leitores comuns, mas da crítica acadêmica, os primeiros argumentos favoráveis destacavam que a obra já nascia “clássica”, pertencendo à grande tradição da literatura ocidental e da literatura norte-americana em particular, fazendo parte de uma das mais profundas tradições: a da *Busca* (HEISERMAN ; MILLER, 1956).

A fortuna crítica produzida ao longo dos anos desde o retumbante sucesso de sua publicação, em 1951, confirma o reconhecimento literário da obra e o merecido lugar no cânone contemporâneo. Parte considerável da crítica se volta para analogias que aproximam a obra prima de Salinger daquelas escritas por autores como Charles Dickens, James Joyce, Mark Twain e Ernest Hemingway (NOON, 2005; OLAN, 2005; SPANIER, 2005).

A semelhança é clara no tocante à exploração de temas como o sentido da vida, ritos de passagem, grandes jornadas e conflitos internos e externos. Tanto David Copperfield, como Stephen Dedalus, Huckleberry Finn e Antonio Carlos Villaça, são protagonistas de crises e angústias cuja única saída é a fuga das instituições repressoras e do ambiente social a que pertencem. Para Lee (1988), a narrativa autobiográfica de Holden Caulfield, em *The catcher in the rye*, demonstra essencialmente o esforço do protagonista pela busca do *self* e de autoria. Nesse sentido, pode-se dizer que Salinger – o autor por trás do personagem – inventa a si próprio através da persona desempenhada pelo personagem Holden Caulfield.

Alguns críticos, como Noon (2005), chegam a negar a existência de uma crise religiosa ou mística em Holden Caulfield. Todavia não deixa de ser interessante pensar a crise do adolescente Holden como uma experiência verdadeiramente ampla, onde a religiosidade ocupa um espaço relevante, embora não estruturante, na narrativa discursiva do personagem. Nesse ponto, a obra de Salinger foge da perspectiva assumida pelo brasileiro Antonio Carlos Villaça, para quem a crise monástica é absolutamente determinante tanto na construção da identidade autoral autobiográfica, quanto na construção do próprio indivíduo. O mosteiro é mais do que uma referência geográfica ou cronológica na história do autor. Trata-se de uma metáfora da própria gênese do homem e do escritor memorialista.

Ainda a propósito do peso atribuído à religiosidade em *The catcher in the rye*, vale dizer que o caráter místico e “salvacionista” do personagem de Salinger transformou a história de Holden em uma espécie de testamento de um jovem contemporâneo em busca de vocação: a vocação de salvar as crianças da hipocrisia do mundo social adulto. Dilacerado pelas contradições de um espírito rebelde que se recusa a fazer parte do *establishment*, Holden se declara ateu, mas, ao mesmo tempo, tem profunda admiração por Jesus Cristo e pela prática cristã em sua forma idealizada.

[...] Eu sentia vontade de rezar, ou algo parecido, quando ia para a cama, mas não conseguia. Nem sempre eu consigo rezar quando estou com vontade. Pra começo de conversa, eu sou tipo ateu. Eu gosto de Jesus [...] mas os discípulos me encham [...] Eu gosto mais de qualquer um na Bíblia do que dos discípulos. Para falar a verdade, depois de Jesus, o cara que eu mais gosto na Bíblia é o maluco que morava nos túmulos e ficava se cortando com pedras. Gosto daquele pobre coitado dez vezes mais do que dos discípulos (SALINGER, 1991, p.99).

Por um caminho diferente, Villaça também idealiza a tradição cristã. Embora católico de formação, ele adere ao monastério pela beleza litúrgica e pelo sentido de liberdade e aventura que julga existir na vida religiosa.

No dia 21 de abril, festa litúrgica de Santo Anselmo, comuniquei a meus pais [...] a decisão de ser monge. Ser monge para ser santo. Ser monge como única via aos meus olhos para a realização de um destino pleno, total, livre. Ser monge como aventura suprema! (VILLAÇA, 2006, p.134).

E o peso da experiência monástica concreta, ao se contrapor à experiência paradisíaca idealizada pelo escritor ao aderir à clausura beneditina, quase o levou ao ateísmo. O paraíso, na prática, parecia um espaço bem diferente.

Vida de quartel. [...] Acordávamos cedo, cinco horas. O sino grande do corredor, perto do imenso e medieval crucifixo, trágico, patético, imagem da agonia humana. Abluções rápidas no banheiro coletivo. Privadas com porta, chuveiros com porta. Tudo igual a um simples hotel moderno ou casa de saúde (VILLAÇA, 2006, p. 143).

Para Castronovo (2009, p.108), o pensamento de Holden pode ser entendido como uma reafirmação da exortação do Novo Testamento para que todos guardem e protejam seus irmãos, antes que esses caiam no penhasco. A missão de Holden é salvar as crianças da hipocrisia do mundo adulto representado pelo penhasco, uma metáfora do mundo que se distanciou do sagrado e perdeu a inocência. Nesse sentido, a ideia do sagrado como algo associado à insanidade atribuída aos atos salvacionistas, também se configura como um elemento determinante na narrativa de Salinger:

[...] O que tenho de fazer é proteger a todos, se eles começarem a andar para o penhasco – Quer dizer, se eles estiverem correndo sem olhar para onde estão indo, eu preciso sair de algum lugar e proteger a todos eles. É isso que tenho de fazer. Eu seria o salvador no campo de centeio. É isso. Sei que é loucura, mas essa é a única coisa que eu realmente gostaria de ser. Eu sei que é loucura (SALINGER, 1991, p.173).

Podemos dizer que o Mosteiro de São Bento representa para Villaça o que o *penhasco* representa para Holden Caulfield. Tanto em Villaça como em Holden a característica de enclausuramento e hipocrisia típica de determinadas instituições sociais contribui para o desencadeamento de um processo que pode ser interpretado como insanidade. Ao mesmo tempo, propicia as condições de produção do discurso inconformado, que justifica não apenas a fuga, como a ira dos insanos. Holden encontra nas escolas por onde passou a hipocrisia corruptível que justifica as duas coisas:[...] uma das principais razões que me levaram a sair da escola Elkton Hills foi porque eu estava rodeado de falsos. É isso. [...] Por exemplo, tinha esse diretor, o Sr. Haas, que era o bastardo mais falso que eu já encontrei em toda minha vida. [...] Aos domingos, por exemplo, o velho Haas dava voltas apertando as mãos dos pais de todo mundo. [...] Ele fingia ser o cara mais charmoso da face da terra. A menos que algum garoto tivesse pais esquisitos. Vocês deviam ver como ele agia com os pais de meu colega de quarto. Quer dizer, se a mãe de um garoto fosse tipo gorda, ou cafona, ou algo assim, e se o pai de alguém fosse um daqueles caras que usam ternos com ombreiras grandes e sapatos

preto e branco cafonas, aí o velho Haas só apertava suas mãos rapidamente e dava aquele sorriso falso, e logo saía para conversar, por talvez uma hora, com os pais de outra pessoa. Eu não aguento esse tipo de coisa. Isso me deixa louco. Me deprime tanto que eu fico louco (SALINGER, 1991, p.14).

Esse nível profundo de autoexpressão só é possível por meio da fuga. Ambos os autores necessitam fugir das instituições sociais que os oprimem para cumprir seus destinos e contar suas histórias. A fuga torna-se um imperativo para o encontro de si mesmo e para a escrita autobiográfica, ficcional ou não. Holden foge da escola para a rua, da rua para casa e de casa para o mundo:

Todos estavam dormindo ou tinham ido passar o fim-de-semana fora. E estava muito, muito silencioso e deprimente no corredor. [...] De repente, eu decidi: eu ia me mandar da Escola Pencey – naquela noite mesmo. [...] Quando eu já estava preparado para ir embora, quando estava com minhas bolsas prontas e tudo o mais, eu fiquei de pé por um tempinho perto da escada e dei uma última olhada no maldito corredor. Eu fiquei tipo chorando. Não sei porque. Eu coloquei o boné vermelho, com a aba para trás, do jeito que eu gostava, e depois gritei com todas as minhas forças, “Durmam bem, seus babacas!” Aposto que eu acordei cada um daqueles bastardos no corredor inteiro. Depois, caí fora dali (SALINGER, 1991, p.51-52).

Para Noon (2005, p.17), o personagem de Salinger se comporta como um fugitivo multidimensional: foge da escola, foge das perigosas figuras femininas e sonha fugir para o Oeste norte-americano. Analogamente, Villaça planeja a fuga em várias dimensões. Em um primeiro momento, foge de si mesmo, inclusive de sua sexualidade e de sua casa, em direção ao Mosteiro São Bento, acreditando que a vida monástica lhe salvaria a alma, ajudaria a buscar a verdade e, conseqüentemente, a construir sua obra literária com liberdade: “Dezenove anos. Fugia. Fugia da vida. Fugia do mundo. Fugia das traições do destino meu. Fugia [...] E fui entrando – sem corpo mosteiro adentro” (VILLAÇA, 2006, p.15-18). Em um segundo momento, toma consciência da natureza verdadeiramente enclausurante da instituição e reavalia a visão idealizada do mosteiro como fonte de libertação interior.

No mosteiro, dorme-se muito cedo. Nove horas da noite é plena madrugada. Não consegui dormir. Ninguém me perturbou. Bastava eu para me perturbar. Noite longa, noite arrastada, noite tensa. Não pensava. Um vácuo dentro de mim. E a fina impossibilidade de dormir. Tudo se movia nas minhas entranhas. E tudo se movia fora de mim. Hecatombe. De manhã, quando ouvi o som do sino, fui recolhendo as ruínas de tudo que desmoronara [...] Caminho pelo claustro nessa primeira manhã. Sofrerei aqui. Aqui minhas carnes se dilacerarão. Aqui se dilacerará meu espírito. Claustro. O monge passeia pelo claustro. Eu sei que não vou ficar enterrado aqui, sei que nenhum desses túmulos é meu túmulo, sei que sou de outro país. Sei que vou partir. (VILLAÇA, 2006, p.142).

Diante desse complexo quadro existencial, o jovem escritor foge do mosteiro na tentativa de viver a vida e depois, como memorialista, poder contar a própria história.

Saí, numa bela manhã de setembro, discretamente, durante a Missa da comunidade. Meus pais me esperavam na portaria. Subimos de carro para uma fazendinha em

Itaipava. Supunham eles, na sua ingenuidade, que o pesadelo passara. Eu, no banco de trás, sabia vagamente que o pesadelo estava apenas começando (VILLAÇA, 2006, p.184)

Estava certo em prever dias difíceis pela frente. Ainda contaminado pela crise da busca, Villaça resolve entrar em outro monastério, desta vez, em São Paulo. Novamente, pelas mesmas razões, deixa a instituição alguns meses depois. Embora a experiência não tenha sido tão perturbadora e desestruturante quanto aquela do Rio de Janeiro, esse movimento repetido de busca e fuga da vida monástica chama a atenção dos pais, que passam a suspeitar da integridade mental de Villaça e decidem interná-lo em um hospital psiquiátrico.

Os efeitos dessa decisão são avassaladores. Interessa lembrar, aqui, o conceito de instituição total desenvolvido pelo sociólogo norte-americano Erving Goffman (1961) a partir de suas pesquisas sobre os sistemas psiquiátrico, monástico e carcerário. Segundo Goffman, o caráter de enclausuramento dessas instituições promove a criação de uma barreira entre interior e exterior. O resultado é a deterioração do *self* inicial do sujeito, que passa por um processo de passividade e paralisação imposto pelas concessões de adaptação às novas regras institucionais.

Em Villaça, a indefinição entre o interior e o exterior do mosteiro foi utilizada como justificativa para sua internação no hospital psiquiátrico. Comparativamente, em *The catcher in the rye*, Holden também sofre a deterioração do *self* impingida pela experiência no colégio interno. E isso também justificará sua internação em um hospital para tratamento de doenças mentais. Trata-se, portanto, de desajuste e deterioração em ambos os casos.

Em *O nariz do morto*, os efeitos do enclausuramento monástico foram terríveis. Mais terríveis ainda seriam os efeitos do enclausuramento psiquiátrico, perceptíveis na própria linguagem narrativa, que abandona as imagens poéticas e o português gramaticalmente castiço, por uma linguagem agitada, confusa e fragmentada. Villaça não é mais o “Lento” da primeira parte do livro; agora é “Sigismundo”:

Sigismundo voltou para o quarto, prisioneiro da precária identidade. A fuga. Mas como? Fugir de que? Fugir de quem? Fugir de onde? Daqui? Mas... para onde, meu filho? Onde encontrar mesa posta, mel, madeixas, músicas de que o pequeno coração não se canse logo? (VILLAÇA, 2006, p. 248).

Na condição de insano e, ao mesmo tempo, entediado pelo ócio do sistema prisional psiquiátrico, Villaça agarra-se à leitura como ato de sobrevivência e acomodação.

Um homem com quatro jornais por dia – se alfabetizado – é ser mediano, feliz; não é matéria para ruidosos rompantes, ou cantorias, mas espanta a desventura, o tédio, o vazio, o nada. [...] Sigismundo digere a comida comum, sua mente desocupada palpita longe, entregue ao tédio de si e do mundo, barco perdido, pássaro engaioladinho, montanha de saberes inúteis, aplicação duvidosa (VILLAÇA, 2006, p. 356-361).

Aqui, percebe-se um homem dividido em muitas crises diferentes: a velha crise da vida anterior aos mosteiros; a crise que desponta da permanência nos mosteiros; a crise das fugas e conseqüente internação no hospital psiquiátrico. Cada crise tem uma linguagem particular. A linguagem que remete à crise existente antes do mosteiro é terna e poética; a que remete ao mosteiro é soturna e, ainda assim, bela. Finalmente, a linguagem que corresponde à crise do enclausuramento no hospital psiquiátrico explicita elementos do trágico e escatológico.

Antes e durante a permanência nos mosteiros, observa-se um *self* deteriorado, mas em estado criativo. Nos mosteiros esse estado sublime é alimentado pelo sonho de ser santo. O *self* parece fragmentado mas produz uma linguagem poética e sofisticada.

No hospital psiquiátrico, observa-se um *self* fragmentado sem controle da crise; portanto, sem controle da linguagem, da criatividade e do próprio sonho. A linguagem até aqui poética e lírica explode em forma de grosseira escatologia, tanto no sentido da linguagem como na proposta de um fim apocalíptico. O texto se reduz a várias páginas de repetidas perguntas, aparentemente retóricas. As orações parecem incompletas e soltas. O *self* fragmentado perde não apenas a capacidade de produção poética, mas, sobretudo, o sonho de ser santo. Villaça reflete e aceita finalmente “inutilidade de tudo, até mesmo dos santos”.

Sigismundo, você outrora quis ser santo... [...] Quero truculências, brutalidades muitas, duelos terríveis com o nada [...] quero a limpa tragédia dos seres que um dia partiram à caça de um absoluto quicá inexistente e se lhe deram com a trevosa obstinação, a perseverança alada e miudinha, a paixão maluca, de que fazem os santos, os músicos, os colecionadores taradíssimos, os destinos que se fixam num ponto, como se outros pontos não houvesse [...] Os santos são obstinados, são duros, fixam num ponto a ambição inteira (VILLAÇA, 2006, p. 359).

No caso de Holden Caulfield, o *self* fragmentado encontra-se confinado em um colégio interno. Sua narrativa é uma espécie de libelo contra a hipocrisia social. A linguagem nem sempre é poética, mas o personagem é poético e comovente, como pode ser visto nos momentos em que Holden perambula perdido pelas ruas de Nova York depois de fugir da escola. O menino sente saudade da irmã caçula:

Vocês deviam ver como ela era. Vocês nunca viram em toda sua vida uma garotinha tão bonita e esperta como ela. Ela é realmente inteligente. É o seguinte, ela tira dez em tudo desde que entrou na escola. [...] vocês tinham que ver a Phoebe. Ela tem um cabelo tipo ruivo [...] que é cortado bem curtinho durante o verão. Ela tem umas orelhinhas super bonitinhas. Mas no inverno o cabelo fica bem comprido. Minha mãe, às vezes, faz tranças, às vezes, não. Mas mesmo assim é realmente bonito. Ela tem só dez anos. [...] Vocês iam gostar dela. Ela agora tem dez anos e não é mais uma menininha, mas ela ainda encanta todo mundo – pelo menos todo mundo que tem algum juízo (SALINGER, 1991, p. 67-8).

Considerações finais

Neste trabalho analisamos o discurso autobiográfico de dois *outcasts*, Holden Caulfield, personagem de J. D. Salinger e Lelento e Sigismundo, personagens de Antonio Carlos Villaça. Em um sentido mais imediato, é necessário esclarecer a diferença entre os narradores do texto e seus autores. Por isso mesmo, a voz narrativa é vista numa perspectiva discursiva, como uma terceira voz, como discurso autobiográfico, independentemente da factualidade de suas vozes narrativas. Diferente tanto da voz do autor do texto como da voz do homem por trás do texto, essa terceira voz admite a influência de ambos e de todo um contexto histórico e cultural no qual está inserida.

A análise das obras em questão revela que os autores emergem do discurso como críticos do *establishment*, transgressores em constante estado de fuga e reclusão. Villaça vislumbra a reclusão no mosteiro como um espaço

que possibilitaria a escrita de sua história, apesar de não ter conseguido escrever enquanto lá esteve. De qualquer modo, o mosteiro se transforma no espaço de memória que dá origem ao livro *O nariz do morto*. Salinger, por sua vez, opta pela reclusão a posteriori. Ele primeiro conta a história de Holden Caulfield, história em muitos aspectos semelhante à sua própria. Depois, os efeitos midiáticos da recepção à obra, sobretudo o assédio imposto pelo status de celebridade, o levam à reclusão.

A análise comparativa de *The catcher in the rye* e *O nariz do morto* mostrou também que, pertencendo à tradição literária da busca da verdade e de si mesmos, os autores têm em comum a necessidade da fuga, alimentada pelo elemento sagrado, ou místico, como possibilidade de autoexpressão, revelando em ambos a representação híbrida de santo e insano.

Desajustados, no sentido de que não se adequam ao mundo real, Holden Caulfield, Lelento e Sigismundo contam suas histórias a partir de experiências vividas em instituições profundamente cerceadoras da liberdade, como a escola, o monastério e o hospital psiquiátrico, no caso de Villaça, e o colégio interno, no caso de Holden Caulfield, protagonista do livro de Salinger.

No nível do autor como figura empírica, ambos, Salinger e Villaça, cada um ao seu modo, pertencem a uma geração que se descola da instituição familiar (esta também cerceadora da liberdade) para buscar o sentido da vida; sentido, em grande medida, místico. Ambos oriundos da burguesia, negam as ideias burguesas e partem da recusa desses valores tradicionais.

Salinger faleceu em idade avançada como um recluso voluntário, na silenciosa e tranquila cidade de Cornish, New Hampshire, em 27 de janeiro de 2010. Villaça morreu em 2005, aos setenta anos, triste e isolado em um pobre asilo no bairro do Caju, zona portuária do Rio de Janeiro.

A herança literária de Salinger tem sua base no humor cáustico que inventa um discurso adolescente, cuja linguagem chula revela o protesto ao mesmo tempo cínico e poético contra o jogo social estabelecido. A herança literária de Villaça se fundamenta nos rastros memorialísticos, suas impressões acerca de tudo que testemunhou e viveu. Uma narrativa autobiográfica lírica, original e perturbadora como a de Salinger.

REFERÊNCIAS

- CASTRONOVO, David. "Holden Caulfield's legacy". In: BLOOM, H. *Bloom's modern critical interpretations: J.D.Salinger's The catcher in the rye*. New York: BLC, 2009.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FELMAN, Shoshana; LAUB, Dory. *Testimony*. London: Routledge, 1992.
- GOFFMAN, Ervin. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1961. Tradução de Dante Moreira Leite.
- HEISERMAN, Arthur; MILLER, James. E. Jr. "J. D. Salinger: some crazy cliff". *Western Humanities Review*, v.10, 129-37, 1956.
- LEE, Harper. *To kill a mockingbird*. New York: Warner Books, 1988
- LEJEUNE, Philippe. *Le Pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1986.
- MARCUS, Laura. *Autobiographical discourses: theory, criticism, practice*. Manchester: Manchester University Press, 2006.
- NOON, William T. "Three young men in rebellion". In: BLOOM, H. *Bloom's major literary characters: Holden Caulfield*. Philadelphia: Chelsea House, 2005.
- OLAN, Levi A. "The Voice of the Lonesome: alienation from Huck Finn to Holden Caulfield". In: BLOOM, H. *Bloom's major literary characters: Holden Caulfield*. Philadelphia: Chelsea House, 2005.
- POLLACK, Michael. "Memória e identidade social". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SALINGER, Jerome D. *The catcher in the rye*. New York: Little Brown, 1991.

SPANIER, Sandra Whipple. "Hemingways' "The Last Good Country" and *The catcher in the rye*". In: BLOOM, H. *Bloom's major literary characters: Holden Caulfield*. Philadelphia: Chelsea House, 2005.

VILLAÇA, Antonio Carlos. *O nariz do morto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. [1a ed. JCM, 1970].